



Foto de Gólio D'Almeida

Durante dois dias, executivos discutiram rumos do Cruzado, no Hotel Nacional

Empresário já prevê minidesvalorização

A recente desvalorização do cruzado assustou mas não tirou a fé dos executivos e empresários no plano de recuperação econômica do governo. Essa é a impressão da maioria dos 350 administradores das mais importantes empresas brasileiras que participaram, no Hotel Nacional, do Primeiro Congresso do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração — COPPEAD — da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Seguindo o modelo norte-americano das business schools, o COPPEAD funciona no Brasil como um centro avançado de treinamento e formação de executivos e administradores de empresa. É uma espécie de curso de mestrado em administração. Tanto para seus professores quanto para seus alunos, a desvalorização cambial adotada, no último dia 15, nada mais é do que "um sinal de que novas mudanças deverão ser implantadas ainda este ano".

O professor Cláudio Contador, por exemplo, não tem dúvidas de que 1,8% de desvalorização marca a adoção da antiga estratégia de desvalorizações cambiais permanentes. "Todos sabem que a diferença entre o dólar e o cruzado é muito superior a 1,8%", afirma Contador.

Velha política

Para o professor do COPPEAD, a política de desvalorizações homeo-

táticas está em curso. "A história está se repetindo", brincou Contador, ao fazer menção às desvalorizações cambiais permanentes adotadas na administração do ex-ministro Delfim Neto.

Pela tese de Contador, ao fazer a desvalorização desta semana o governo da Nova República deu mostras que também está preparando "surpresas" no que diz respeito a novos ajustes cambiais, reajustes salariais, aumento da carga fiscal e uma possível reindexação da economia.

— Dentro de muito pouco tempo, queira o governo ou não, vivemos um processo de reindexação — enfatizou Contador, com a concordância do seu colega e também professor e economista João Paulo de Almeida Magalhães, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os empresários já não foram tão enfáticos. Jorge De Botton, diretor de planejamento da Mesbla, ao descrever com entusiasmo os avanços de venda de sua empresa nos últimos oito meses concluiu que "não há mais retorno para o plano cruzado. Ele já está consolidado".

De qualquer forma nem De Botton e tampouco Norberto Odebrech, da construtora Odebrech, ou Osires Silva, da Petrobrás, ou David Fischel, da Montreal Engenharia ou Ivo Herring da malharia Henrig anunciaram novos investimentos em suas empresas por conta do aquecimento do

consumo provocado pelo Plano Cruzado.

Preocupação social

— Os grandes industriais — justifica a professora Angela da Rocha Schmidt, diretora do COPPEAD — já perceberam que o consumo atual é fruto de uma demanda reprimida. Vivemos um momento irreal. Ainda não chegou a hora da ampliação dos negócios.

Se ainda não estão dispostos a aplicar novos recursos no aumento de suas capacidades produtivas, os empresários que compareceram ao encontro da COPPEAD deram mostras de que estão preocupados com a situação sócio-econômica do país. Não foi por acaso que os temas sociais dominaram quase todas as intervenções, a começar pela palestra do empreiteiro Norberto Odebrech que insistiu no argumento de que os salários e os empregos devem ser encarados "daqui para frente como um bem social".

Odebrech e Osires Silva, com a experiência de quem administram duas das maiores estatais brasileiras (Embraer e Petrobrás), condenaram o falso paternalismo que continua regendo as relações trabalhistas no país e colocaram a necessidade de os empresários serem mais eficientes na administração do trabalho gerado por seus negócios.